

RESENHA



ORTEGA Y GASSET, José. *Una interpretación de la historia universal: en torno a Toynbee. Obras Completas*. v. IX. Madrid: Alianza, 1997.

*José Mauricio de Carvalho**

O livro de Ortega y Gasset foi construído a partir de um curso com doze lições oferecido no Instituto de Humanidades, em Madri, nos anos de 1948 e 1949 e está no volume IX das *Obras Completas*. O propósito inicial era expor e examinar a obra de Arnold Toynbee (1889-1975) intitulada *A Study of History* em razão de o referido historiador exercer forte influência na política inglesa e de a Inglaterra ser uma nação com grande projeção mundial. O curso ofereceu mais que o objetivo inicialmente proposto, pois a tarefa de avaliar criticamente o livro de Toynbee permitiu expor a compreensão orteguiana de razão histórica e dos aspectos típicos da vida humana, temas centrais do raciovitalismo. Com seus comentários faz uma análise cuidadosa da vida ocidental e aponta os motivos da crise por todos sentida. Os dois eixos que percorrem o texto orteguiano são: o resumo das teses e a crítica elaborada ao longo dos doze capítulos do livro. Optamos por considerá-los separadamente, e assim, sem seguir linearmente o raciocínio de Ortega y Gasset, apresentar de forma clara o essencial de suas considerações.

O estudo da teoria histórica de Toynbee começa, fundamentalmente, no capítulo dois, onde o filósofo diz que para entendê-la é necessário mirá-la como um todo. É o que procura fazer no desenrolar

* Professor do Departamento de Filosofia da UFSJ. E-mail: mauricio@ufsj.edu.br

da obra. O ponto de partida do britânico é de que existia, na primeira metade do século XX, quatro civilizações: a ocidental cristã, a hindu, a mulçumana e a ortodoxa. Todas nasceram de civilizações anteriores que se desfizeram durante a história por sofrerem invasões bárbaras e o contato com uma nova religião com pretensões universais. O assunto se prolonga ao capítulo seguinte, onde Ortega y Gasset acompanha o historiador numa jornada para trás no tempo. Nessa viagem ao passado o foco é encontrar as raízes do ocidente. Ortega y Gasset acompanha o historiador no encontro com as grandes criações artísticas e arquitetônicas da Europa do século XI. Toynbee identifica os últimos vestígios da civilização ocidental no Império de Carlos Magno, por volta do século VIII da era cristã. Ali estava a raiz do ocidente. Voltando ainda mais para trás perde-se o contato com a civilização ocidental. Quando se alcança o período que vai do século IV ao VI d.C. nos deparamos com a decadência da civilização Greco-romana. O leitor deve estar consciente de que Toynbee trata por civilização o que os filósofos culturalistas e herdeiros de Kant tratam por cultura.

No capítulo IV, Ortega y Gasset mostra como o historiador descreve a vida romana, dizendo que ele revela alma de turista. Isto significa que Toynbee passeia por Roma, desliza sobre a organização daquela sociedade sem penetrar nos seus aspectos mais profundos. Ortega y Gasset lembra a organização social romana gira em torno da figura do imperador. O imperador era, inicialmente, um diretor de sacrifícios, um líder religioso e depois se torna o comandante do exército. Ortega y Gasset diz, no capítulo VI, que Toynbee toma a história romana como raiz dos povos que hoje vivem no ocidente e reconhece Roma como um Estado Universal. Esclarece, adicionalmente, que a unidade de Roma se baseava em crenças comuns, uma vez que a sociedade romana era constituída por grupos de povos distintos. A história romana, ele explica, sofreu uma grande inflexão quando transitou de um período fechado em si mesmo para viver a abertura do contato com outros povos e religiões. Esse contato abalou antigas crenças dos romanos, provocando desintegração da legitimidade do governo e do poder público existente. Na ocasião, a liderança de Roma passou à mão de generais carismáticos que contavam com a fidelidade das tropas. Foi a época em que a legitimidade do mando começou a ser questionada na sociedade romana. Historicamente, o fato corresponde ao período das guerras com a Macedônia.

Ao retroceder ainda mais na história, Toynbee encontra a civilização egea e a considera também um Estado Universal, com o que Ortega y Gasset não concorda, mesmo considerando o conceito de nação empregado pelo historiador.

No capítulo IX, Ortega y Gasset comenta que, para Toynbee, as civilizações universais são em número de vinte e uma. É o momento em que o filósofo trata a origem das civilizações: para o historiador elas vieram uma das outras até seis originais que não vieram de nenhuma anterior, mas de uma evolução interna. Ortega y Gasset entende que não existe comprovação suficiente para vincular a civilização greco-romana à egea ou cretense. Além disto, não vê como o contato comercial de Creta com a Mesopotâmia e o Egito, por exemplo, possa torná-la um Estado Universal. Daí para trás, no tempo, os problemas com o esquema de Toynbee somente se agravam. Ainda mais difícil de entender, observa Ortega y Gasset, é a origem das seis civilizações iniciais quando se corta o vínculo com o passado histórico de cada uma. Ao fazê-lo, Toynbee emprega o que o filósofo denomina “hipótese fantasmagórica” (p. 175). Ortega y Gasset a atribui à influência de Huntinton, outro historiador conhecido daquele período. Foi Huntinton quem, inicialmente, explicou a gênese das civilizações pelo clima da região e como reação a outras dificuldades naturais. Toynbee o toma como referência para compor sua teoria do desafio e resposta.

No capítulo final, Ortega y Gasset resume o esquema teórico e conceitos fundamentais de Toynbee. As civilizações são, para o britânico, estados universais, cuja unidade é rompida num momento pela invasão de bárbaros (proletário exterior) que, uma vez no interior da sociedade, difundem uma nova religião universal. Este esquema circular de decadência das civilizações e surgimento de outra não encontra, para o filósofo, comprovação factual. Ao usá-lo, observa, pode-se classificar o Vice-reinado do Peru como um Estado Universal. O absurdo da conclusão mostra a fragilidade da explicação de Toynbee.

O fundamental das críticas orteguianas ao esquema de Toynbee brota de sua filosofia, segundo eixo do livro que passamos a apresentar. Com sua teoria mostra melhor o que estava acontecendo com o ocidente. O ponto de partida das críticas é o fundamental para Ortega y Gasset, a saber, Toynbee não considera a condição humana que nasce da liberdade: o homem “está condenado a fazer-se responsável por seu próprio ser” (p. 14).

Assim, em toda a história o homem escolhe e nem sempre o que é mais fácil ou óbvio, fato que resulta numa linha de irracionalidade. Esta condição faz da história uma realidade em mutação com um presente desajustado para enfrentar as dificuldades que nele emergem. De tempos em tempos estas dificuldades são mais profundas dando a sensação de crise. Há ainda outra dificuldade para entender o passado. Quanto mais distanciamos do presente, mais as coisas perdem a evidência e o significado que têm, o que exige um esforço de investigação para entender “o perdido e ausente nas profundezas do passado” (p. 86). Há, ainda, um outro aspecto da condição humana que o filósofo menciona no capítulo X. O homem é um ente desequilibrado que procura o equilíbrio enquanto vive. “À paradoxal condição de constitutivo desequilíbrio deve o homem toda sua graça e toda sua desgraça, toda sua miséria e todo seu esplendor” (p. 189).

Os aspectos elencados no parágrafo anterior, eixo nuclear do raciovitalismo, explicam as principais discordâncias que o filósofo manifesta em relação a Toynbee. Assim se Ortega y Gasset concorda com a ideia de que o homem e as sociedades mudam para responder os desafios que a vida traz, as dificuldades naturais ou problemas do meio não bastam para explicar tais movimentos na vida das pessoas e dos grupos, como acredita Toynbee. Apenas se o homem, por conta de sua liberdade e das suas quase infinitas possibilidades de agir na circunstância, realizar um projeto vital próprio, ele se beneficiará das dificuldades naturais para produzir algo novo no horizonte da cultura. Para entender porque as sociedades mudam, é preciso mais que desafios naturais que fornecem um caminho, mas não obrigam a seguir por ele. É preciso aprofundar a questão e chegar aos fundamentos filosóficos, o que Toynbee não faz. Por exemplo, para entender as mudanças na sociedade romana é preciso reconhecer que o que move o romano é o que perturba todo homem: superar a insegurança em que vive. O Direito, para o romano, sustentado nos costumes e usos dos grupos que formavam o povo, é onde o cidadão romano deposita sua segurança e isto não é importante no esquema de Toynbee. E há mais coisas do que discordar, o nacionalismo que Toynbee enxerga como um dos males do ocidente do século passado tem muitos equivalentes em diversas ocasiões da história. Sua origem era o surgimento de um tempo de massas.

Ao centrar suas críticas nos movimentos da vida mesma, Ortega y Gasset avalia a hipótese de Toynbee como beataria. Ele sempre se refere

desta maneira às teorias que tentam aprisionar a vida em esquemas intelectuais que o homem cria para lhe dar segurança. Tais esquemas perdem de vista o que é a vida mesma. E que esquema intelectual usa o historiador? O de Aristóteles e Descartes, no qual o mundo se basta. A circunstância permite que Ortega y Gasset conclua que “para Toynbee as civilizações são os sujeitos e substâncias que integram a história” (p. 214). Fica subentendido que uma nova filosofia é necessária para a compreensão da história e das dificuldades do ocidente. É o que Ortega y Gasset pretende oferecer com o raciovitalismo.

O livro busca entender os movimentos fundamentais da pessoa e dos grupos na relação com a circunstância, sem ficar no aspecto negativo do desafio. Justo porque nem todo desafio leva à decadência, erro de Toynbee, Ortega y Gasset rejeita a hipótese do britânico. Ele também enxerga a mesma atitude negativa diante da crise no existencialismo de Jean Paul Sartre. Afirma que Toynbee “toma a coisa em formas e zonas secundárias e superficiais em vez de vê-la na profundidade de seu valor constitutivo e transcendente” (p. 216). As crises trazem, pois, sentido da superação e funcionam como uma mola para a vida do homem.

Neste sentido, Ortega y Gasset não apenas contesta a conclusão da decadência do ocidente quanto mostra que as mudanças contemporâneas representam o movimento natural da vida. Os desafios de hoje encontram nas teorias do filósofo elementos de compreensão que a tornam importante, ainda neste século XXI, como fator de entendimento e segurança intelectual diante de desafios com fatores maiores que a racionalidade. É no passado disponível na cultura que se acham os elementos para a criação das novas respostas aos desafios que a vida traz.

Em síntese, os aspectos nucleares do raciovitalismo estão na raiz das críticas que ele tece à teoria de Toynbee, afirmando que ela não se sustenta nos fatos, nem na lógica interna de sua composição circular ou nos conceitos que a fundamentam. Falta a Toynbee uma filosofia consistente que amarre sua compreensão dos fatos históricos com a vida mesma, apesar dos esforços e contributos para tratar do passado e das civilizações que o homem criou durante a história.